

Karen Essex, Os Cisnes de Leonardo, Editora Objetiva, 2006.

A autora já fez sucesso com dois romances históricos sobre o Egito de Cleópatra e agora mergulha nas águas tormentosas da Itália renascentista. Baseada em boa documentação histórica, Karen Essex reconstrói as tramas, amores e dissabores de duas irmãs da proeminente família D'Este, que dominava Ferrara no século XV. Este é o período da Itália fragmentada em Cidades-Estados, cada qual sob o domínio de famílias ávidas por manter seus interesses na intrincada política econômica de comerciantes, militares, do Papado e da nobreza tradicional.

Ainda na infância, as irmãs são prometidas em casamento para estreitar as relações e os acordos entre as cidades: Isabela, aos 16 anos prepara-se para o matrimônio com Francesco Gonzaga de Mântua e Batrice, 15 anos, será a duquesa de Milão, esposa de Ludovico Sforza. A mãe, duquesa Leonora, alerta as meninas para a função política de seus corpos: “vocês, garotas, são embaixadoras de Ferrara. Seus corpos são os próprios vínculos que irão nos manter todos unidos e afastar conflitos e guerras”.

No entanto, as meninas colocam seus sonhos acima dos deveres diplomáticos: Isabela se sente mais realizada, pelo menos antes do casamento, pois seu futuro marido é gentil e tem apenas 23 anos, enquanto seu cunhado já havia chegado aos quarenta anos. Isabela é eloqüente, simpática, versada em artes, literatura e filosofia. Beatrice é arredia e passa os dias a cavalgar, pois prefere os cavalos ao convívio aristocrático. Ocorre que a Milão de Beatrice é um centro comercial muito mais rico e poderoso que Mântua, destino de Isabela. Ocorre, ainda, que Ludovico é muito atraente, apesar de quarentão e dispensa uma atenção especial a sua amante Cecília Gallerani. Ludovico até encomendara um retrato de Cecília ao mestre Leonardo da Vinci, que neste momento já havia trocado Florença por Milão. Isabela deseja ardentemente a oportunidade de ser imortalizada pelo pincel de Leonardo e tenta arrastar sua irmã para um plano que resulte no retrato de ambas.

A participação de Leonardo nesta trama é secundária, assim como no Código Davinci. No entanto, a autora teve o cuidado de inserir saborosos trechos das famosas anotações de Leonardo, além de suas cartas e de um contrato não cumprido, que chama mais a atenção pelos pormenores exigidos pelo contratante, a Irmandade da Imaculada Conceição de Milão. Trata-se de uma cena que retrata a fuga da família sagrada para o Egito (p 150). Leonardo não seguiu nenhuma das exigências dos monges, que determinaram o uso de ouro e azul ultramarino, mas receberam uma obra que ignora a tradição de pintar a Terra Santa como uma paisagem toscana, além de recusar os símbolos dogmáticos das pinturas religiosas. Dizia-se, inclusive, que o anjo Uriel, no canto do painel, teve como modelo o rosto de Cecília, que é de fato, a figura retratada aos quinze anos de idade na famosa tela “Dama Com Arminho”. O animal, colocado sugestivamente sob completo domínio da madona em seu colo, é um símbolo da família Sforza e seu, nome, em grego, tem a mesma raiz do sobrenome da cortesã (Gallerani).

A conjuntura política da península passa por um momento de súbitas mudanças, envolvendo traições e novas alianças, o que provoca profunda alteração no destino das meninas, cada uma delas já convertidas em mães de dois filhos. Ludovico tece um plano de aliança com os franceses, mas acaba se isolando no cenário italiano. Leonardo, já sem receber seus salários, volta para Florença. Isabela recebe em Mântua muitas das figuras da nobreza em fuga de Milão, inclusive a antiga amante Cecília.

Assim, política, arte, religião e história de associam na ficção de Karen Essex de forma especial, resultando em uma obra cuja maior virtude está em dar vida a personagens e fatos históricos.

João Ricaldes, novembro de 2007.

Cisnes de Leonardo – Excerto

Páginas 25-27 (os casamentos)

Ele foi, até aqui, o mais agradável dos maridos em potencial. Embora ele tenha 23 anos contra seus 15, sendo dono de maturidade superior, ao longo dos anos de noivado ele escreveu-lhe pelos menos uma carta por estação, assegurando-lhe ansiar pelo dia em que seriam marido e mulher. Se chegasse a ele a notícia de que ela estava doente, sempre mandava um fino presente na forma de um perfeito pingente de pérolas, uma nevoenta paisagem em miniatura de um novo pintor flamengo, ou uma vez, quando uma febre alta a acometera por um bom tempo, um pequeno filhote de spaniel que lambeu a febre de seu rosto, ou assim acreditava ela.

- Como que então, um mês poderia ter mudado nossos destinos? -- pergunta Francesco. - Conte-me a história de como quase escapei de viver minha vida em completa infelicidade, sem a sua companhia.

Assim, ela lhe conta agora como, muitos anos antes, quando tinha apenas seis anos de idade, Ludovico Sforza enviou um embaixador para Ferrara a fim de pedir a mão da filha mais velha do duque Ercole. Ludovico era uma estrela em ascensão na política italiana. Sendo já duque de Bari e o regente de seu sobrinho, Gian Galeazzo, duque de Milão, Ludovico era considerado por muitos como o mais ilustre jovem governante da sua época. Ele era, porém, reputado como tendo o pendor para uma certa libertinagem. Mas, como a Fortuna tinha seus caprichos, um mês antes, os Gonzaga de Mântua, cidade importante por sua localização geográfica, entre a poderosa cidade-Estado de Milão e a Sereníssima República de Veneza, tinham enviado seu próprio emissário para pedir a mão de Isabella. E como uma aliança com Mântua era crucial para o bem-estar e segurança de Ferrara, o duque Ercole concluiu com prazer as negociações para Isabella desposar Francesco Gonzaga, que se tornaria marquês após a morte de seu pai. O emissário milanês teve de retomar para perguntar se a segunda filha de Ercole d'Este serviria. E a resposta veio com grande rapidez - sim. Mais tarde, descobriu-se que Ludovico não se importava que Beatrice tivesse apenas cinco anos de idade e que só estaria pronta para casar dali a pelo menos dez anos. Ele era um grande mulherengo e não tinha pressa - e, de fato, talvez não tivesse nenhuma intenção específica - em se assentar.

- Eu me arrepio em pensar como a Fortuna poderia ter jogado suas cartas de modo diferente e eu pudesse ter sido sobrecarregada com um velho como Ludovico, que, meu Deus, já tem quase quarenta anos! - diz ela suavemente a Francesco.

Ele olha para o retrato de Beatrice e para o retrato de Isabella, e faz a coisa que, ele sabe, provoca estremeamentos em todo o seu corpo, que é beijar-lhe a mão, deixando seus lábios demorarem dois ou três segundos mais que o adequado.

- Eu me arrepio também - diz ele.

Oh, ele era perfeito! Nos cortejos de Natal, para os quais chegam pessoas de toda a Itália, ele senta-se junto ao duque a cada apresentação, cumprimentando-opor sua dedicação em reviver o teatro. Para agradar o clero, Ercole sempre encenou um ou dois quadros vivos religiosos, de modo que não pudessem queixar-se a respeito de suas preferências teatrais mais pagãs. Este ano Ercole escolheu a Anunciação para abrir o préstito, na qual um ator destemido, usando asas de anjo, voava sobre o palco em cordas para anunciar o destino da Virgem. Na noite seguinte eles testemunharam uma reprodução do nascimento de Cristo numa manjedoura. Os artistas da corte haviam enchido o palco com animais reais de terreiro, e às vezes o balido das cabras abafava as palavras dos atores. Ainda assim, todos concordavam que

isto não distraía do drama do quadro vivo, mas que acrescentava realismo, já que tais animais estavam sem dúvida presentes no nascimento de Nosso Senhor.

Depois do Natal, e para celebrar o Ano-Novo de 1490, bem como o início de uma nova década, o duque deu vazão a sua paixão pelo tipo de apresentações teatrais que adorava. No velho Palazzo della Ragione, remodelado para ser um teatro, apresentava antigas comédias latinas que ele próprio traduzira para o italiano, contratando atores, dançarinos e músicos de toda a Itália. Ele havia colaborado com Niccolò da Correggio em uma nova versão das Metamorfoses de Ovídio, uma generosa produção com música, dança e declamação. Francesco sentou-se com o duque durante a apresentação, a boca aberta em espanto sobre quão convincentes eram os atores, tanto em comportamento quanto em vestuário, no papel dos deuses antigos, provando-se assim um gênero digno.

Isabella via seu prometido em flertes com algumas damas da corte, algo que ela decididamente não apreciava. Ela julgara que este comportamento sedutor dele estivesse reservado para si. Mas seu noivo tinha charme de sobra, e virilidade também, e algum dia, recordou para si mesma, ela seria a feliz receptora de tudo aquilo. Enquanto isso, sua mãe, Leonora, a orientava no sentido de que a mulher deve sempre perdoar o marido de quaisquer licenciosidades antes do casamento. Pois era natural para um homem solteiro dar vazão a essas ansiedades. E, além do mais, não era preciso que dois inocentes fossem para a cama após o casamento tendo que imaginar todo o mapa da arte de fazer amor. Se ele carregasse estas propensões para o casamento, bem, uma mulher poderia escolher rebelar-se e exigir fidelidade, ou adaptar-se e permanecer em silêncio. De qualquer modo, a consequência seria provavelmente a mesma. O homem faria o que bem entendesse, discreta ou abertamente, pois isto era próprio dos homens. Algumas mulheres italianas estavam adquirindo a mesma tendência, mas graças a Nosso Senhor e à sua própria boa educação, Leonora estava certa de que suas filhas não se juntariam às fileiras das promíscuas. As mulheres da Casa de Este devem estar acima dessas coisas.

Página 126 (Leda e o cisne)



O Magistro senta-se num banquinho, debruçado sobre um desenho que Beatrice não consegue ver. Sua concentração é intensa. Um lema em caligrafia fantasiosa está colocado acima de seu espaço de trabalho: OBSTINADO RIGOR. OS outros também trabalham desta maneira - concentrados, silenciosos, decididos. O silêncio é tanto que ela acha que pode ouvir a respiração deles acima do rabiscar de carvão arranhando o papel e os pincéis atingindo mananciais de cor. À frente de Leonardo está uma estátua de Leda e o Cisne, que foi adquirida, após grande empenho, por Ludovico, do espólio de um cardeal falecido em Roma. Desde que Isabella mandara dois exemplares daquela criatura para seu lago, ele ficara obcecado pelos cisnes. Beatrice lembra que Ludovico tinha enviado a estátua, que supostamente datava da Antiguidade, para ser limpa e polida na oficina do Magistro.

Leonardo aparentemente não havia trabalhado nada na estátua, que está manchada por anos de sujeira e fezes de pássaros, mas agora está olhando para ela, e depois voltando os olhos para o seu papel.

O Magistro senta-se num banquinho, debruçado sobre um desenho que Beatrice não consegue ver. Sua concentração é intensa. Um lema em caligrafia fantasiosa está colocado acima de seu espaço de trabalho: OBSTINADO RIGOR.

OS outros também trabalham desta maneira - concentrados, silenciosos, decididos. O silêncio é tanto que ela acha que pode ouvir a respiração deles acima do rabiscar de carvão arranhando o papel e os pincéis atingindo mananciais de cor. À frente de Leonardo está uma estátua de Leda e o Cisne, que foi adquirida, após grande empenho, por Ludovico, do espólio de um cardeal falecido em Roma. Desde que Isabella mandara dois exemplares daquela criatura para seu lago, ele ficara obcecado pelos cisnes. Beatrice lembra que Ludovico tinha enviado a estátua, que supostamente datava da Antiguidade, para ser limpa e polida na oficina do Magistro. Leonardo aparentemente não havia trabalhado nada na estátua, que está manchada por anos de sujeira e fezes de pássaros, mas agora está olhando para ela, e depois voltando os olhos para o seu papel.

- Senhor! - Ela por fim se anuncia. Leonardo se vira, sobressaltado. Imediatamente se levanta, fazendo-lhe uma mesura.

- Excelência. Que privilégio!

- O que está desenhando? - pergunta ela. Beatrice sabe que seu marido não ficará feliz em ouvir que o Magistro está despendendo o dia trabalhando em outra coisa senão o cavalo. O desenho a assombra. É muito mais sugestivo do que a estátua. A Leda inventada por Leonardo é curvilínea e está nua. O cisne é enorme, quase tão alto quanto Leda, e cobre-lhe o corpo numa generosa proteção de penas brancas de um modo possessivo como qualquer homem que já tivesse reclamado uma mulher. O quaril redondo dela se encaixa caprichada e perfeitamente na curva de sua asa, que cai lânguida pela coxa e pela perna de Leda. Beatrice não consegue imaginar como alguém pode encontrar erotismo na cópula com este animal, mas o Magistro o fez. Leda, timidamente dá as costas para o cisne, como se embaraçada por estar atraída por tal criatura. Mesmo assim, está atraída. Beatrice sente as faces enrubescerem enquanto olha para o quadro; ela própria acabou de ser despertada para o olhar de prazer e satisfação que o Magistro desenhava no rosto de Leda.

Páginas 146-151 (o anjo Uriel)

- É verdade que o Magistro pediu que você posasse novamente para ele? [- perguntou Isabela.]

- Não, mas dizem que ele usou meu rosto outra vez. Já viu o altar da Capela da Confraternidade da Imaculada Conceição? - perguntou Cecília. Ela explicou que a capela ficava na Igreja de San Francesco Grande, não distante do castelo. - É uma imagem de Maria e Jesus na sua fuga de Herodes.

- Não, não a vi, minha senhora. O Magistro a utilizou como modelo para a Virgem Abençoada?

- Não. Estranhamente, porém, o anjo Uriel, que senta ao lado da Virgem, se parece exatamente comigo quando era uma mocinha.

- Preciso ver o quadro, então



Os monges o detestam. De fato, estão até processando Leonardo por isso. Dizem que todo o propósito foi enfatizar que a Virgem nasceu sem pecado original, mas não há nenhuma

evidência deste fato na pintura. Fizeram um contrato detalhado com o Magistro, mas ele não honrou nenhuma das exigências dos monges. Eles queriam tudo feito com pilhas de ouro e azul ultramarino, mas o Magistro evita aquelas qualidades da pintura religiosa. Ele as considera antigas, baseia tudo na observação da natureza, como sabe, e diz que ainda não conseguiu encontrar ouro brilhante e azul ultramarino na natureza. Para não mencionar o serafim pairando acima de tudo.

- O que acontecerá com ele? Será levado para a prisão, ou obrigado a refazer a pintura? - perguntou Isabella. A esse ritmo, ela jamais iria posar para o grande mestre.

- Ludovico provavelmente terá de intervir. Comenta-se que comprará a pintura dos monges para sua coleção particular. Depois os monges terão de pagar ao Magistro para refazer a obra. É uma terrível confusão e inspirou muito diálogo vulgar entre os monges e o Magistro.

- E ainda assim os monges exibem a pintura, apesar de não estar de acordo com seus propósitos?

- Eles a exibem com orgulho. Afinal, é de autoria do grande Leonardo. Atrai homens endinheirados à capela deles.

(...)

De manhã Isabella propôs uma saída com sua irmã par visitar San Francesco Grande e ver o altar de autoria de Leonardo.

- Embora ele seja difícil, é o artista mais importante em Milão, Beatrice, se não em toda a Itália, e sem dúvida, ao longo dos anos, você encomendará muitos trabalhos dele para sua família. Você mesma disse que ele e Ludovico nunca irão se separar. Você pode se dar ao trabalho de conhecer sua obra a fundo, de modo que possa manipulá-lo adequadamente. É o seu dever, minha cara. Você é a duquesa do duque que é conhecido pelo seu amor à arte!

Isabella podia ver que usara simplesmente a exata combinação de preocupação de irmã com intimidação; Beatrice prontamente concordou.

A igreja gótica de tijolo vermelho e arcos triplos coroando sua fachada recepcionou as irmãs. Isabella havia encorajado a maioria dos atendentes a ficar para trás, dizendo-lhes que desejava um tempo privado e sagrado com sua irmã numa casa de culto. A capela da Imaculada Conceição era pequena, uma invenção da confraternidade formada para sustentar a idéia de que a Virgem Abençoada não só concebeu o Menino Jesus sem intercurso humano, como também era ela própria a primeira mortal nascida sem a mácula do pecado original. A idéia surgira sob algum escrutínio e questionamento de alas renegadas da Igreja, e estes clérigos se haviam organizado para proteger a reputação, pureza e divindade de Nossa Senhora.

Isabella foi instantaneamente atingida pela claridade e simplicidade do tríptico que dominava sobre o altar. Talvez com mais de dois metros de altura, era pintado em madeira e encaixado numa moldura dourada um pouco fora de harmonia, ela julgou, com a pintura em seu interior. Era como se a moldura dourada fosse feita de materiais deste mundo com a intenção de sugerir o celestial, enquanto a pintura em si tivesse chegado de fora, do mundo etéreo.

Do lado externo de um buraco nas montanhas - que segundo os relatos bíblicos abrira-se miraculosamente para abrigar a Virgem e seu Filho quando fugiam do decreto de Herodes que condenava à morte todos os bebês meninos de Israel- realizava-se um trivial piquenique: a Virgem, uma jovem de rosto doce com pele imaculada, cabelo cacheado, e olhos baixados repousando sobre o bebê, e João Batista, que oferecia as mãos em prece para o Cristo menino. O Cristo retribuía o gesto do futuro santo, apontando para ele com dois dedos, enquanto, sentado no abrigo do anjo Uriel, que trajava suntuosos mantos em carmim e verde, uma figura totalmente feminina - tão feminina quanto a própria Virgem -, apontando um comprido dedo ossudo para João Batista, enquanto relanceava indiferentemente no primeiro plano para ... o quê? Isabella pôde ver o rosto de Cecilia no anjo- as feições longas e triangulares, os olhos

argutos porém amáveis, o nariz petulante. Era como se o Magistro voltasse no tempo de Cecilia ainda jovem para criar esta fisionomia doce do anjo. Mas por que usar uma mulher como modelo? Isto era espantoso. O grupo sentava-se em folhagens típicas do deserto nas bordas do opulento manto de veludo azul de Maria. Porque Uriel apontava para João e não para o Cristo, Isabella não conseguiu imaginar. Era como se ele estivesse unguindo João. Os estranhos dedos apontando para todos os lados fizeram Isabella especular o que significavam todos estes sinais de mão, se é que significavam alguma coisa. João, Jesus e Uriel pareciam estar em disputa, apontando seus dedos como se para dizer: Você... você é único. Não, você. Não, você.

O cenário era a parte mais perturbadora da pintura. O Magistro pusera estes personagens santos não em qualquer lugar terreno reconhecível, ignorando o capricho italiano por retratar a Terra Santa como a paisagem toscana; e também não tentou pintá-los em um cenário celestial. Não, estas figuras sentavam-se diante de enormes e altas rochas que se projetavam na amplitude da caverna. A luz se apresentava vinda do fundo. Por que estavam essas pacíficas figuras colocadas contra este fundo desolado e árido? Talvez o Magistro estivesse tentando evocar o perigo de uma família tentando escapar ao seqüestro e assassinato de seu Santo Menino. Recuando, ela também notou que as quatro figuras assumiam a forma de uma cruz e se perguntou se isso era intencional.

Isabella avaliou todos estes fatos e não pôde evitar pensar que o Magistro talvez fosse um herege que não tinha medo de insinuar isto na sua arte. Ele parecia não dar a menor importância às maneiras tradicionais em que as narrativas bíblicas eram retratadas nos quadros. Não era de admirar que os monges o estivessem processando por causa da encomenda. Onde estavam símbolos dogmáticos usados em todas as pinturas religiosas para glorificar Cristo e sua mãe? Este quadro tinha a mesma simplicidade tranqüila - com o acréscimo daquele dedo inquietante apontando - que ela observara no quadro da Madona desdentada no estúdio de Leonardo.

Isabella achou prudente não revelar a Beatrice que Uriel ostentava o rosto de Cecilia. Não desta vez, quando ela não queria impor na mente da irmã qualquer ligação entre a amante de seu marido e o Magistro.

Ela viera para sugerir outra ligação, e aguardava o momento certo. Mas, na verdade, ali estava Cecilia - etérea e angelical, a mais divina parte de si mesma revelada mais uma vez pelo grande homem. Isabella estava quase doente em seu desejo pela mesma honraria. Não devia a sua parte mais gloriosa e elevada - sua própria alma - clamar por expressão? Não era Leonardo o único artista na terra que poderia realizar tal feito?

Apenas Leonardo poderia captar aquela parte de Isabella que ela desejava que anunciasse às gerações vindouras ter ela vivido neste mundo; que havia vivido, reinado, amado, que havia importado. Beatrice estava ajoelhada, orando. Isabella esperava que ela olhasse para cima. Não queria perturbar a comunhão de sua irmã com Deus.

Finalmente, Beatrice ergueu o rosto e olhou direto à frente para a pintura. Virou a cabeça para o lado como se fosse fazer uma pergunta. Isabella ajoelhou-se silenciosamente junto à irmã e tocou-lhe o braço. Sua irmã parecia positivamente santa, a pele brilhando sob a luz fria da capela.

- A Virgem parece como se ainda fosse uma criança. Uma linda criança - disse Isabella. Mas Beatrice não estava disposta a conversar na casa do Senhor.

Beatrice fez o sinal-da-cruz e se levantou. Isabella seguiu a sugestão da irmã, mas teve a nítida sensação de que Beatrice estava despedindo-se de Deus, enquanto Isabella dizia adeus à obra de Leonardo.